

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES
Curso: Ciências das Religiões (Bacharelado)

RELIGARE ENTRE A ASCENÇÃO E QUEDA DO IMPERIO ROMANO

João Pessoa

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES
Curso: Ciências das Religiões (Bacharelado)

ROSINETE MARIA MARTINS

RELIGARE ENTRE A ASCENÇÃO E QUEDA DO IMPERIO ROMANO

Monografia apresentada como TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) ao Curso de graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba.

João Pessoa

2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M386r Martins, Rosinete Maria.

RELIGARE ENTRE A ASCENÇÃO E QUEDA DO IMPÉRIO ROMANO /
Rosinete Maria Martins. - João Pessoa, 2018.
33f.

Orientação: Maria Lucia Abaurre Gnerre.
Monografia (Graduação) - UFPB/Educação.

1. religare, religião, religio, religere, Roma, yoga.
2. upanisade, livro dos mortos. I. Gnerre, Maria Lucia
Abaurre. II. Título.

UFPB/BC

ROSINETE MARIA MARTINS

RELIGARE ENTRE A ASCENÇÃO E QUEDA DO IMPÉRIO ROMANO

Trabalho de conclusão de curso submetido à Banca Examinadora designada pelo Curso de Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Bacharelato em Ciências das Religiões.

BANCA EXAMINADORA

Assinatura: _____

Prof^ª. Dra. Maria Lúcia Abaurre Gnerre
(Orientador)

Assinatura: _____

Prof^ª. Ms. Ana Cândida Vieira Henriques

Assinatura: _____

Prof. Dr. Matheus da Cruz e Zica

Prof^ª Dr^ª Ana Paula Rodrigues Cavalcanti
Coordenadora Curso Ciências
das Religiões CGCR/CE/UFPB
Slape 1716308

João Pessoa, 12 de junho de 2018.

Abstract

We analyze the meanings of the word *religare* in the historical context between the rise and fall of the Roman Empire, as well as investigate a possible connection of this religious phenomenon with part of the religious culture of ancient India and ancient Egypt, through bibliographical consultation in books, scientific articles and other publications available in this respect. We introduce the subject by reflecting on the term religion and its importance to our lives. Next we explore the history of Rome from the monarchy to the empire and biography of some important thinkers of the time to understand the emergence of terms that would explain the religious phenomenon of these times. We present the etymological relations between the terms "religare", "religio" and "religere" and the word religion, according to the view of several authors. Finally, we relate the analysis and religious significance of the term *religare* from the Roman period to aspects of the sacred part of the religious culture of ancient India, in the Upanisads and Yoga and also ancient Egypt. We conclude that there are connections between the concept of *religare* both in Christianity and in these two traditions studied (Egyptian and Indian), and that such connections can still be developed and deepened through historical research, however, in our work the intention was only to show that they exist and are important.

Keywords: *religare*, religion, *religio*, *religere*, Roma, yoga, upanisade, book of the dead.

Resumo

Analisamos os sentidos da palavra *religare* no contexto histórico entre a ascensão e queda do império romano, bem como pesquisamos uma possível ligação deste fenômeno religioso com parte da cultura religiosa da Índia antiga e do antigo Egito, através de consulta bibliográfica em livros, artigos científicos e outras publicações disponíveis a esse respeito. Introduzimos o assunto fazendo reflexões sobre o termo religião e a importância dele para nossas vidas. Em seguida exploramos a história de Roma da monarquia ao império e biografia de alguns importantes pensadores da época para entender o surgimento de termos que explicariam o fenômeno religioso destas épocas. Apresentamos as relações etimológicas entre os termos "religare", "religio" e "religere" e a palavra religião, segundo a visão de vários autores. Por fim, relacionamos a análise e significação religiosa do termo "religare" do período romano com aspectos do sagrado de parte da cultura religiosa da antiga Índia, ou seja, dos Upanisade e Yoga e também do Egito antigo. Concluimos que há conexões entre o conceito de *religare* tanto no cristianismo como nessas duas tradições estudadas (egípcia e indiana), e que tais conexões ainda podem ser desenvolvidas e aprofundadas através de pesquisas históricas, no entanto, em nosso trabalho a intenção foi apenas mostrar que elas existem e que são importantes.

Palavras chaves: *religare*, religião, *religio*, *religere*, Roma, yoga, upanisade, livro dos mortos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pela vida, pela sabedoria, por todas as minhas conquistas pessoais e profissionais, e por ter colocado em meu caminho pessoas tão especiais, que não mediram esforços em me ajudar durante a realização deste curso e desta monografia. A estas pessoas estorno aqui meus sinceros agradecimentos.

Aos Professores do Curso de Ciências das Religiões da UFPB, em especial a minha orientadora, Professora Maria Lucia Abaurre Gnerre e ao Professor Fabricio Possebon pelo exemplo como docente, cuja postura ficará na lembrança.

Aos alunos do curso, pela convivência maravilhosa e enriquecedora e que renderam laços de companheirismo e de amizades, citando alguns como Anderson e Adnelson, em especial ao amigo Marcos Afonso com quem dividi muitos momentos na jornada.

À minha família: aos meus filhos Linger e Lincer, meu esposo e companheiro de todas as horas, Geraldo, que tanto me incentivou e aos meus pais deixo uma homenagem póstuma, pois não puderam estar presente desta vez.

“Quando todas as coisas estavam envoltas em silêncio, então surgiu em mim uma palavra secreta, que veio direto do trono real, desde o alto” (ECKHART, 1º sermão).

Sumário

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 7 |
| 2. CAPÍTULO I - Roma..... | 11 |
| 2.1 Roma: monarquia, república e império..... | 11 |
| 2.2 República Romana..... | 11 |
| 2.3 Império Romano | 12 |
| 2.4 Pensadores da religião romana | 13 |
| 2.5 Aspectos religiosos | 16 |
| 3. CAPÍTULO II - Origem etimológica..... | 21 |
| 4. CAPÍTULO III- Relação de “religare” com aspectos do sagrado em outras culturas..... | 24 |
| 4.1 Egito antigo..... | 25 |
| 4.2 Índia antiga..... | 25 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 27 |
| 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 30 |

1.0 INTRODUÇÃO

Propusemo-nos aqui a analisar os sentidos da palavra *religare* no contexto histórico entre a ascensão e queda do império romano, bem como pesquisar uma possível ligação deste fenômeno religioso com parte da cultura religiosa da Índia antiga e do antigo Egito, através de uma pesquisa de consulta bibliográfica. Na presente pesquisa pretendemos consultar livros, artigos científicos e outras publicações disponíveis a respeito dos períodos históricos romanos citados, bem como consultar os escritos a cerca das culturas religiosas do antigo Egito e Índia antiga. Para desenvolver nossa pesquisa faremos três capítulos. No primeiro, vamos analisar os períodos históricos da monarquia, da republica e do império dos romanos para entender o surgimento de termos que explicaria o fenômeno religioso destas épocas. No segundo capítulo, vamos analisar a relação etimológica entre os termos “*religare*”, “*religio*” e “*religere*” e a palavra religião, segundo a visão de vários autores. No terceiro capítulo, vamos relacionar a análise e significação religiosa do termo “*religare*” no período romano com aspectos do sagrado de parte da cultura religiosa da Índia, ou seja, nos Upanisade e Yoga e também do Egito antigo. Falando sobre a importância de religião para as pessoas, basta apenas lançar um rápido olhar para o mundo e percebemos que a religião desempenha um papel bastante significativo na vida social e política em todas as partes do globo e, portanto, seria difícil adquirir uma compreensão adequada da política internacional sem que se esteja consciente do fenômeno religioso (GAARDER, 1952). A religião está presente entre todos os povos, não existe nenhuma etnia ou tribo de que haja registro que não tenha tido algum tipo de religião (GAARDER, 1952). E parece claro que questões existenciais bastante gerais surgem em todas as culturas e acabam por formarem a base de todas as religiões, questões como quem sou eu ? De onde vim? Como o mundo passou a existir? Deus existe? O que acontece na morte? Velhos ou crianças teria este tipo de curiosidade, pois encontrar o norte individual parece ser reflexões comuns a todos, além das necessidades básicas como alimento, sono, carinho dentre outras (GAARDER, 1952). A religião está ligada ao momento presente de todos, à vida e à morte. O poeta Piet Hein escreveu: "Os que nunca vivem o momento presente são os que não vivem nunca — e o que dizer de você?". Já Henrik Tikkanen: "A vida começa quando descobrimos que estamos vivos". Viver o presente parece ser revestido de uma primordial importância. Não deixemos que diante da morte suja a experiência de que a vida é algo infinitamente precioso, e assim talvez possamos experimentá-la.

Por isso, parece-nos oportuno refletir sobre religião, pois apesar da frase muito conhecida no nosso país: “futebol e religião não se discute”, a relevância do tema é inegável e

permeia todos os espaços sociais e culturais no nosso país. O termo religião nos parece claro ter origem latina, porém teóricos discutem sua origem etimológica e este tipo de assunto atrai cada vez mais a nossa curiosidade, o que nos levou a dedicarmos um capítulo a este tema.

Os registros da história mostram inúmeros exemplos de fanatismo e intolerância religiosa, até guerras em nome da religião. Porém a intolerância é resultado do conhecimento insuficiente de um assunto. Quem vê de fora uma religião, enxerga apenas suas manifestações, e não o que elas significam para o indivíduo que a professa. Aumentar o conhecimento sobre as culturas religiosas podem ser instrumentos de *tolerância*, ou seja, respeito pelas pessoas que têm pontos de vista religiosos diferentes do nosso (GAARDER, 1952). Assim, parece-nos oportuno abordar temas que levem a uma maior compreensão do fenômeno religioso, o que estaria ligado a contribuir com a paz entre povos de culturas diferentes.

Mas o que é religião? Para C. P. Tiele (1830-1902) Religião significa a relação entre o homem e o poder sobre humano, no qual ele acredita ou do qual se sente dependente. Essa relação se expressa em emoções especiais (confiança, medo), conceitos (crença) e ações (culto e ética). Glasenapp (1891-1963) descreveu a religião como sendo a convicção de que existem, poderes transcendentais, pessoais ou impessoais, que atuam no mundo, e se expressam por “insight”, pensamento, sentimento, intenção e ação. Já Söderblom (1866-1931), Religiosa ou piedosa é a pessoa para quem algo é sagrado. A *idéia do sagrado*, de Rudolf Otto é o “inteiramente outro”, ou seja, aquilo que é totalmente diferente de tudo o mais e que, portanto, não pode ser descrito em termos comuns, “mistério tremendo e fascinante”, uma força que por um lado engendra um sentido de grande espanto, quase de temor, mas por outro lado tem um poder de atração ao qual é difícil de resistir. Já Eliade diz que *Sagrado* indica algo que é separado e consagrado; *profano* denota aquilo que está em frente ou do lado de fora do templo (GAARDER, 1952).

Qual seria realmente a origem da palavra religião? Seria realmente o verbo “*religare*”, seria “*religio*”? “*religere*”? Será que a união de todos estes termos? Seria esta palavra ligada a deuses pagãos, ou ao deus único dos Hebreus? Qual o contexto romano em que surgiram estes termos? Hoje consideramos o *religare* de forma diferente do considerado na era do império romano? Questões como estas nos conduzem a reflexões e pesquisas, pois religião é um tema recorrente e ocupou pensadores como Cícero, Carl Jung, Lactanceo, Santo Augustinho dentre muitos outros; Emile Durkheim escreveu o clássico “As formas elementares da vida religiosa”, nesta obra o autor tinha por objetivo compreender a origem das diversas religiões.

A análise de épocas romana de onde se originaram estes termos (*religare, religio e religere*) se faz necessária, pois Roma inicia como uma monarquia, cidade estado, passa a republica e a império, ao longo do tempo sofreu influencia de culturas diversas, pois seu crescimento sempre esteve ligado à incorporação de novos povos à sua cultura e novos territórios ao seu o que fez desta cultura uma complexa mistura de culturas religiosas convivendo juntas.

Neste trabalho nos dispomos a fazer uma análise sobre o *religare* no contexto romano, pois antes de pertencer ao domínio específico do religioso o termo *religio* está presente de uma maneira geral no cotidiano romano (AZEVEDO, 2010).

O estudo de aspectos religiosos relacionados a fatores culturais, sociais, econômico e político do povo romano parece nos ser imprescindível para a compreensão etimológico de termos que supostamente originaram a palavra religião, assim recorreremos ao inicio da criação da cidade estado, passando pelo período da monarquia, da democracia, do império, chegando ao declínio deste e ao surgimento do cristianismo, inicio de novos tempos.

Como justificativa social, a análise do passado pode ajudar a compreensão do presente, pensando assim, a análise de termos como “*religare*” em certos períodos de tempo anterior ao nosso podem contribuir para a compreensão do fenômeno religioso e, portanto, para a educação de uma sociedade mais justa e tolerante a práticas religiosas diversas e mais abertas à compreensão e busca do entendimento deste fenômeno.

Assim, analisar aspectos culturais, sociais, econômicos, políticos, dentre outros ajudará a trazer luz à compreensão do fenômeno religioso também em dado espaço de tempo e local de um povo, pois a religião em muitas culturas está relacionada a esses aspectos, raramente podendo ser entendida separadamente em alguns casos.

Do ponto de vista científico, o fenômeno religioso tem recebido atenção de muitos teóricos há muito tempo, o encontramos como objeto de estudo no nascimento das ciências sociais em diversas obras desta área, a exemplos de “*A Ética Protestante*” escrito por Max Weber, Marcel Mauss também fez importantes estudos sobre a dádiva. O estudo deste fenômeno é cada vez mais visto como essencial para uma cultura de paz, ele não só existe como é inerente ao ser humano e à cultura, sendo necessário compreendê-lo, caso contrario estamos fadados ao preconceito e a discriminação, sendo por isso necessário estudo. Outros autores que estudaram este fenômeno mais especificamente como Rudolf Otto e Mircea Eliade (MIELE, 2011, pag. 07). O fenômeno religioso também pode ser considerado funcional, pois exerce função na vida individual e social, sendo entendido como meio de convicção e prática onde há confronto com problemas globais da existência, dando sentido à

vida e oferecendo acesso à felicidade, apesar de não atinge a relação do homem com o sagrado (MAC DOWELL SJ, 2011, pag. 19).

Rudolf Otto escreveu “O Sagrado” e nesta obra foram observados os vários aspectos do “numinoso”, termo utilizado como referencia a manifestação do sagrado e Mircea Eliade escreveu uma importante obra denominada “O Sagrado e o profano”, nela ele utiliza o termo hierofania para explicar a manifestação do sagrado em ambiente profano, ampliando assim a forma de percepção deste objeto de estudo. Assim, é necessária uma abordagem onde os aspectos culturais se juntem a aspectos místicos em uma tentativa de se entender a importância da experiência com o sagrado além do rito e do mito o espaço do fenômeno.

2.0 CAPÍTULO I - Roma

2.1 Roma: monarquia, república e império

Roma Antiga foi uma civilização que se desenvolveu a partir da cidade-estado de Roma, fundada na península Itálica durante o século VIII a.C. Durante os seus doze séculos de existência, a civilização romana transitou da monarquia para uma república oligárquica até se tornar um vasto império que dominou a Europa Ocidental e ao redor de todo o mar Mediterrâneo através da conquista e assimilação cultural. No entanto, um rol de fatores sócio-políticos iria agravando o seu declínio, e o império seria dividido em dois. A metade ocidental, onde estava incluída a Hispânia, a Gália e a Itália, entrou em colapso definitivo no século V e deu origem a vários reinos independentes (G. I. C., 1996).

Referindo-se a origem de Roma, cita-se que os antigos romanos acreditavam que Roma fora fundada por Rômulo em 753 a.C. Rômulo foi o primeiro de sete reis, ele criou a cidade e a povoou, primeiro declarando-a lugar de exílio para criminosos, depois organizando o rapto em massa de mulheres sabinas para servirem de esposa para seus seguidores. Percebe-se assim a origem de um povo que se origina de uma visão patriarcal típica dos indo-europeus.

Para os antigos romanos, cada um dos reis era lembrado como fundador de uma parte específica do estado romano. Por exemplo: Rômulo foi responsável por criar e povoar a cidade, o segundo rei ficou conhecido como o inventor da religião romana. Sêrvio Túlio organizou o exército, as tribos, o censo e assim por diante. Os romanos recordavam seus últimos reis como sendo estrangeiros especificamente etruscos. Os governantes eram arrogantes, predadores sexuais, cruéis, e filhos fracos de pais fortes. O conhecimento sobre as personalidades destes governantes servia para explicar o que era crucial e único em Roma. Assim poderia ser entendida a cultura, a organização social, religiosa, econômica e política da época (WOOLF, 2017). Características de um povo dominante inclinado ao sucesso, ao crescimento, mas inevitavelmente suscetíveis a possíveis quedas.

2.2 República romana

Segundo a lenda, Roma tornou-se uma República em 509 a.C., quando um grupo de aristocratas expulsou Tarquínio, o Soberbo. No entanto, foram necessários vários séculos até Roma assumir a forma monumental com que é popularmente concebida. Durante as Guerras Púnicas, entre Roma e o grande império mediterrânico de Cartago, o estatuto de Roma

aumentou mais ainda, já que assumia cada vez mais o papel de uma capital de um império ultramarino pela primeira vez. Iniciada no século II a.C., Roma viveu uma significativa explosão populacional, com os agricultores ancestrais a trocarem as suas terras pela grande cidade, com o advento das quintas operadas por escravos obtidos durante as conquistas, os latifúndios (G. I. C., 1996). Este período foi lembrado como uma época de liberdade e compaixão, quem desfrutou dessa liberdade foram os ricos em particular a aristocracia que juntas monopolizavam as funções políticas e liderança religiosa (WOOLF, 2017).

Em 146 a.C., os Romanos arrasaram as cidades de Cartago e Corinto, anexando o Norte de África e a Grécia ao seu império e transformando Roma na cidade mais importante da parte ocidental do Mediterrâneo. A partir daqui, até ao final da república, os cidadãos iriam empenhar-se numa corrida de prestígio, suportando a construção de monumentos e grandes estruturas públicas. Talvez a mais notável tenha sido o Teatro de Pompeu, erguido pelo general Gneu Pompeu Magno (Pompeu), que era o primeiro teatro de carácter permanente alguma vez construído na cidade. Depois de Júlio César regressar vitorioso das conquistas gálicas e subsequente guerra civil com Pompeu, embarcou num programa de reconstrução sem precedentes na história romana. Seria, no entanto, assassinado em 44 a.C. com a maioria dos seus projetos ainda em construção, como a Basílica Júlia e a nova casa do senado romano (Cúria Hostília).

A república foi também a época em que Roma deixou de ser mera cidade estada da Itália, transformando-se no poder dominante do antigo mundo mediterrâneo. A grandeza das muralhas, o provável tamanho da população, mas provavelmente os primeiros sucessos militares, tudo isso sugere o poder romano na região. A república fora um sistema harmonioso que a ambição dos poderosos era administrada pela sabedoria do Senado com o apoio de um povo respeitoso, porém a sua ruína foi atribuída à ostentação e a arrogância trazida pelo império (WOOLF, 2017).

2.3 Império Romano

Augusto foi o primeiro imperador, antes dele era república depois só houve imperadores. No final da república, a cidade de Roma ostentava já a imponência de uma verdadeira capital de um império que dominava a totalidade do Mediterrâneo. Era, na altura, a maior cidade do mundo e provavelmente a mais populosa cidade já construída até o século XIX. Estimativas dos picos populacionais variam entre menos de 500.000 e mais de 3,5 milhões, embora valores mais populares pelos historiadores variem entre 1 milhão e 2 milhões. A grandeza da cidade aumentou com as intervenções de Augusto, que completou os

projetos de César e iniciou os seus próprios, como o Fórum de Augusto, e o *Ara Pacis* ("Altar da Paz"), em celebração do período de paz vivido na altura (*Pax Romana*), redefinindo também a organização administrativa da cidade em 14 regiões. Os sucessores de Augusto tentaram prosseguir essa linha edificadora deixando as suas próprias contribuições na cidade. O grande incêndio de Roma, durante o reinado de Nero, iria destruir grande parte da cidade, mas, por sua vez, iria permitir e impulsionar uma nova vaga do desenvolvimento edificador.

Por esta altura, Roma era uma cidade subsidiada, com cerca de 15 a 25 por cento do abastecimento de cereais sendo pagos pelo governo. O comércio e a indústria desempenhavam um papel menos significativo quando comparado com os de outras grandes cidades como Alexandria, mas assim mesmo era uma grande metrópole e o maior centro comercial e industrial do mundo, por isso ela tinha uma dependência de outras regiões do império para obter gêneros primários e matérias primas. Para pagar os subsídios de cereais, foram introduzidos impostos na vida dos cidadãos das províncias. Se assim não fosse, Roma seria significativamente menor.

A população de Roma entrou em declínio logo após o seu pico, no início do século II d.C. No final desse século, durante o reinado de Marco Aurélio, uma praga devastaria os cidadãos a uma taxa de cerca de 2.000 por dia. Quando, em 273 d.C., a muralha Aureliana foi concluída, apenas restava uma fração desse máximo da população de Roma: cerca de 500.000.

Determinar o fim do império romano não é fácil, pois os imperadores que defenderam Constantinopla quando os Árabes a cercaram em 717 consideravam-se romanos. O mesmo se deu com os seus sucessores, até Constantinopla em fim sucumbir não aos árabes, mas aos turcos, no século XV. É perceptível que a civilização romana sofreu mudanças culturais diversas e que elas influenciaram na religião romana, uma vez que a religião tem um caráter antropológico.

2.4 Pensadores da Religião romana

Destacam-se como pensadores que influenciaram a religião romana para a nossa época, dentre muitos, Cícero e Lactancio. Marco Túlio Cícero (106–43 a.C.; em latim: *Marcus Tullius Cicero*, em grego clássico: Κικέρων; transl.: *Kikerōn*) foi um advogado, político, escritor, orador e filósofo da *gens* Túlia da República Romana eleito cônsul em 63 a.C. com Caio Antônio Híbrida. Era filho de Cícero, o Velho, com Élvia e pai de Cícero, o Jovem, cônsul em 30 a.C., e de Túlia. Cícero nasceu numa rica

família municipal de Roma de ordem equestre e foi um dos maiores oradores e escritores em prosa da Roma Antiga (RAWSON, 1975; HASKELL, 1964).

Sua influência na língua latina foi tão imensa que se acredita que toda a história subsequente da prosa, não apenas no Latim, como nas línguas européias, no século XIX seja ou uma reação contra seu estilo ou uma tentativa de retornar a ele (MERRIAM-WEBSTER, 1995). Segundo Michael Grant, "*a influência de Cícero sobre a história da literatura e das idéias européias em muito excede a de qualquer outro escritor em prosa de qualquer língua*" (CICERO, 1971). Cícero introduziu os romanos às principais escolas de filosofia, criou um vocabulário filosófico latino (inclusive com neologismos como *evidentia*, *humanitas*, *qualitas*, *quantitas* e *essentia*) (CONTE, 1987), destacando-se como tradutor e filósofo.

A redescoberta das cartas de Cícero por Petrarca é geralmente considerada como um dos eventos iniciais do Renascimento, no século XIV, nos assuntos públicos, humanismo e na cultura romana clássica (WOOTTON, 1996). Segundo o historiador polonês Tadeusz Zieliński, "*o Renascimento era, acima de tudo, um reavivamento de Cícero e, apenas depois dele e através dele, do resto da antiguidade clássica*" (ZIELINSKI, 1991). O pico da autoridade e prestígio de Cícero se deu durante o Iluminismo no século XVIII (WOOD, 1991) e seu impacto sobre os principais pensadores iluministas, como John Locke, David Hume e Montesquieu, foi substancial (NIECGORSKI). Suas obras estão entre as mais influentes da cultura européia e ainda hoje constituem um dos mais importantes *corpus* de material primário para obras e revisões sobre a história da Roma Antiga, especialmente sobre os últimos dias da República Romana (GRIFFIN, 2001).

Embora tenha sido um dotado orador e um advogado de sucesso, Cícero acreditava que sua carreira política era sua conquista mais importante. Foi durante seu consulado que a Segunda Conspiração de Catilina tentou derrubar o governo romano através de um ataque por forças estrangeiras e Cícero suprimiu a revolta executando cinco dos conspiradores sem o devido processo legal. Durante a caótica segunda metade do século I a.C., marcada pelas sucessivas guerras civis e pela ditadura de Júlio César, Cícero liderou a campanha pelo retorno do governo republicano. Logo depois da morte de César, Cícero se destacou como inimigo de Marco Antônio nas lutas pelo poder que se seguiram, atacando-o numa série de discursos. Acabou proscrito como inimigo do estado pelo Segundo Triunvirato e conseqüentemente executado por soldados por sua ordem em 43 a.C., depois de ser interceptado numa tentativa de fugir da península Itálica. Suas mãos e sua cabeça foram, como vingança final de Antônio, exibidas no Fórum Romano.

Quanto as suas obras, Cícero foi declarado um pagão justo pela Igreja antiga (EVERITT, 2003) e, por isso, suas obras foram consideradas dignas de serem preservadas. Os bogomilos consideravam-no como um dos poucos santos pagãos. Escritores cristãos romanos e medievais citaram sem ressalvas "*De Re Publica*" e "*De Legibus*" e muitas de suas obras foram recriadas a partir destas citações fragmentárias. Cícero articulou também uma primeira conceituação de direitos, primitiva e abstrata, baseada nas leis e nos costumes antigos. Das obras de Cícero, seis sobre retórica sobreviveram, além de partes de outras oito em filosofia. De seus discursos, 88 foram citados, mas sobreviveram apenas 58. Podemos citar: o discurso (81 a.C.) *Pro Quinctio* ("Em Defesa de Quíncio"); tratado como (45 a.C.) *De Natura Deorum* ("Sobre a Natureza dos Deuses") e cartas como *Epistulae ad Familiares* ("Cartas a Amigos"; 62–43 a.C.).

Lucio Célio Firmiano Lactânio (em latim: *Lucius Caelius* (ou *Caecilius*?) *Firmianus Lactantius*; ca. 240 — ca. 320) foi um autor entre os primeiros cristãos que se tornou um conselheiro do primeiro imperador romano cristão, Constantino I, guiando sua política religiosa que começava a se desenvolver (DIGESER, 2000) e sendo o tutor de seu filho.

Lactânio nasceu na África do Norte e foi discípulo de Arnóbio de Sica (de acordo com Metódio de Olimpos, *Da Castidade* 9.2) e ensinou retórica em várias cidades do Império Romano do Oriente, até chegar a Constantinopla. Ele escreveu livros apologéticos explicando o cristianismo em termos que eram compreensíveis para pagãos intelectualizados que ainda praticavam as religiões tradicionais, enquanto defendia-o contra idéias de filósofos pagãos. O seu *Divinae institutiones* ("Instituições Divinas") é um exemplo de apresentação sistemática do pensamento cristão. Ele foi considerado, de certo ponto, herético, depois de sua morte, mas os humanistas da Renascença reabilitaram o interesse em Lactânio, mais pelo seu estilo latino de retórica, extremamente elaborado, do que por sua teologia.

Lactânio nasceu pagão e nos seus primeiros anos de vida ensinou retórica na sua terra natal, que provavelmente se trata de Cirta, na Numídia, onde uma inscrição menciona um certo *L CAECILIUS FIRMIANUS*. Lactânio teve uma bem sucedida carreira pública, de início. A pedido do imperador Diocleciano, ele se tornou professor oficial de retórica em Nicomédia (atual İzmit), para onde ele viajou da África, viagem que foi por ele descrita no seu poema *Hodoeporium*. Lá, uma vez no círculo imperial, ele se aproximou do administrador e polemista Sossiano Hírocles e do filósofo pagão Porfírio. Ali também ele teria encontrado pela primeira vez Constantino e Galério, a quem ele trata como um vilão durante a Perseguição de Diocleciano (STEPHENSON, 2010). Tendo se convertido ao cristianismo, ele teria sido demitido de suas funções depois da publicação do primeiro édito

de Diocleciano contra os cristãos (24 de fevereiro de 303) (STEPHENSON, 2010) e como retórico de latim, ele viveu na pobreza, de acordo com Jerônimo, ganhando a vida através da escrita, até que Constantino I se tornou seu protetor. O novo imperador nomeou o já idoso Lactâncio mestre (311-313) e essa amizade com Constantino, além de tirá-lo da pobreza, tornou-o preceptor de latim do filho do imperador, Crispo, a quem Lactâncio provavelmente seguiu para Augusta dos Tréveros (atual Tréveris, na Alemanha) em 317, quando Crispo se tornou César (co-imperador - veja Tetrarquia) e foi enviado para lá. Crispo foi executado ali em 326, embora não saibamos nem quando e nem como Lactâncio morreu. Algumas de suas obras importantes foram *De Officio Dei* e *De Divinis Institutionibus*.

Na obra *De Officio Dei*, ("As obras de Deus"), uma obra apologética escrita em 303 ou 304 durante a perseguição de Diocleciano aos cristãos, foi dedicada a um dos seus discípulos, um cristão rico chamado Demetriânio. Os princípios apologéticos sublinhando todos os escritos de Lactâncio são bem apresentados nesse tratado. Já em *De Divinis Institutionibus* ("Instituições Divinas"), escrito entre 303 e 311, é a mais importante das obras de Lactâncio. Como tratado apologético, foi escrito com a intenção de mostrar a futilidade das crenças pagãs e estabelecer a razoabilidade e verdade do cristianismo como resposta aos críticos pagãos. Foi também a primeira tentativa de uma exposição sistemática da teologia cristã em latim, planejada em larga escala, suficiente para silenciar todos os opositores. Neste tratado também está uma citação da décima-nona das Odes de Salomão, uma das duas únicas citações das Odes até o começo do século XX (HAMILTON, 1973).

2.5 Aspectos religiosos

Roma tinha a devoção religiosa como algo fundamental, a "Eneida" de Virgílio coloca a ascensão de Roma como cumprimento de um plano divino, a vontade de Júpiter. Existe a percepção de que há muito tempo, desde o século III a.C., alguns romanos já haviam começado a sentir que os seus deuses tinham um plano especial para eles e, portanto, sua ação religiosa não estava exatamente no mesmo nível que a dos demais povos (WOOLF, 2017). Percebemos que na essência da formação da cultura romana está o fenômeno religioso como base.

Como relíquias de um estado monárquico havia a casa sagrada no fórum chamada *Regia*, base do sacerdote mais antigo, o "*pontifex maximus*" (WOOLF, 2017). A Roma antiga caracterizava-se pelo politeísmo, com elementos religiosos de diversos cultos ao longo da sua história. Crenças etruscas, grega e oriental foram sendo incorporadas aos costumes romanos de acordo com a sua efetividade, as cidades da magna Grécia importaram para a região

italiana o panteão e a rica mitologia da pátria mãe (SCARPI, 2004). Um ritual para agradar um deus ou deuses é a idéia que permeia o cenário da época. Os romanos desta época nada fazem sem antes consultar os deuses e lhes prestarem um sacrifício, esse é religio deles, o que os fazem serem cidadãos.

Nesta época ainda não havia o termo “religião”, tão utilizado por nós hoje. Isso não impediu que Roma tivesse elaborado um sistema religioso próprio e típico com suas próprias exigências, apesar de ter se apropriado de deuses vizinho por meio de “*evocatio*”, ritual antiqüíssimos, talvez indo-europeu, com objetivo de suplicar aos deuses alheios para deixassem seus povos (os quais Roma havia conquistado) e virem para os romanos. Um exemplo desta incorporação religiosa percebemos com Minerva que era uma divindade de origem Etrusca, evocada por Faleria, general que a trouxe para Roma (SCARPI, 2004).

Roma aculturou-se muito pelas conquistas que fazia, de modo a ter que lidar com vários aspectos culturais distintos, porém apesar da língua ser latina, a religião era romana e o critério para praticá-la era ser romano. É impossível falar de uma Roma de origem totalmente romana (SCARPI, 2004). Apesar de Roma incorporar as culturas dos povos ao seu redor tratou de personificar estas conquistas.

De início a religião romana era conservadora, com apelo aos *Mos Maiorum*, que era costumes dos antepassados. Coexistiam divindades com funções diferentes: divindades com personalidade complexas, como Júpiter e Marte que era deus da guerra e outras com simples funções, como Vesta e Ceres que se encarregava da agricultura (SCARPI, 2004). Roma precisava adequar a sua religião as necessidades do povo que precisava da guerra para expansão, mas também precisava dos camponeses para sobrevivência.

Podemos perceber que a religião romana possuía elementos de outras religiões, como a trindade que teve origem arcaica influenciada pelo indo-europeu e era formada por Júpiter, o espaço do sagrado soberano, Marte, deus da guerra, e Querino, deus da cúria, local onde se reunia homens da cidade. Abaixo destes estavam Vesta e Juno e abaixo destes haviam doze menores chamados flâmines. O sincretismo é outro elemento visível para os romanos. A deusa Ceres romana era identificada com a deusa grega Deméter, deusa da agricultura (SCARPI, 2004). A deusa Isis em metamorfose de Apuleio, conhecida como a grande mãe dos deuses em Pessinio; Minerva Cecrópia na Ática; Vênus de Pafos, no Chipre. Diana Dictiana para os cretense, é Estígia Prosperina para os ceciliano, Ceres em Elêusise também Juno, Belona, Hécate e deusa de Ramnus. Rainha Isis é de fato a forma usada por etíopes e egípcios. O Baal da cidade de Doliche, na Síria disseminou-se pelo mundo romano como

Jupiter *Optimus Maximus Dolichenus*. Toth dos egípcios era Hermes na Grécia ou Mercúrio dos romanos (WOOLF, 2017). Percebemos assim as raízes do sincretismo que ocorreu com o cristianismo e, portanto, as razões do catolicismo ter elementos de várias religiões.

Roma possuía cultos diversos, dentre eles haviam cultos para deuses que representavam coletividades de espíritos dos mortos, como Lares, Penates e Manes. Chega a dado momento representar o duplo do morto, idéias como esta fruto de fusão com o Egito de Cleópatra (SCARPI, 2004).

Em Roma havia um calendário elaborado pelo colégio dos Pontífices, o mês era baseado no ciclo lunar, o número de dias do ano dependia do arbítrio dos pontífices. O início do ano era no mês de março com a renovação do fogo sagrado no templo de Vestas nas calendas do mês, ou seja, nos primeiros dias (SCARPI, 2004). Os cultos acompanhavam as festas ocorridas durante o ano, que eram organizadas pelos pontífices e se refletia nos cultos públicos às custas do estado para o povo (montes, aldeias, cúrias e pequenos santuários). As divindades maiores gozavam de culto no topo da colina, de onde elas dominavam a cidade; havia cultos privados que ocorriam para os indivíduos, famílias, estirpes e que representam a dimensão pessoa da religião.

Os cultos misteriosos e perigosos atribuídos as religiões estrangeiras, como a magia vindas dos Persas e a astrologia dos Caldeus além de outras vindas do Egito, Fenícia e Grécia, por exemplo, causaram temor a Roma que acreditava que estes cultos ocultavam perigosas reivindicações das massas populares e possuíam aspectos obscuros do oculto com potencial carga de desagregação, como no caso dos ‘bacanais’. Porém, estes acabaram sendo aceitos no final no século I d.C. (SCARPI, 2004). Pois apesar do receio romano em relação ao místico, ele acabou sendo incorporado à sua religião talvez por uma questão de sobrevivência.

Observando a relação desse povo com a divindade, suas crenças em um deus superior. Encontramos o ‘*Numem*’ como sentido representativo do deus romano. Para o romano o ‘*Numem*’ que vem de *nuo* que significa acenar com a cabeça, designava vontade, a vontade expressa por uma divindade. Por exemplo pela vontade de Jupiter e Juno se encontra a vontade do senado e do povo romano. No plural (*numina*) designa a vontade dos deuses, na idade de Augusto, a palavra *numem* se tornou sinônimo de deus e divindade e seu obscuro e misterioso, o extra-humano. Em Roma havia a classe dos deuses nativos (*indigetes*) e os deuses novos, ou seja, *novensides* (SCARPI, 2004). A figura do *numem* mais tarde vai influenciar no aparecimento do cristianismo através do trabalho dos teóricos romanos.

Rituais eram elementos religiosos supervalorizados pelos romanos que valorizavam o rito latino, por eles não serem essencialmente mitológico, o mito é grego. Roma era orientada historicamente pelo rito e ele assumia uma posição privilegiada. Roma possuía um corpo sacerdotal público, formado no colégio dos Pontífices e composto pelo rei sacro, quinze flâmines e seis vestais (SCARPI, 2004), responsáveis pela produção das escritas religiosas e pela manutenção do religio romano.

Podemos dizer que o conhecimento religioso em Roma consistia de pericia no ritual, não de teologia, os rituais eram fundamentais para o funcionamento do estado (WOOLF, 2017). A figura mais importante do rito era os pontífices que se iniciaram em numero de cinco e por fim eram dezesseis, os quais escolhidos por competição e não eleição. O *potifice maximum* era o chefe do colégio, cujo cargo era vitalício e subordinado ao rei sacro e flâmines de Jupter.

A tradição religiosa era sintetizada no elenco dos deuses, nos livros pontificais e nos livros sagrados. Os pontífices eram a memória viva de Roma e sua competência era o direito divino, o que era sagrado e profano, o que era santo e religioso.

Em Roma houve forte presença mística com o colégio de augures, este desvinculado da autoridade do pontífice. Havia uma técnica divinatória de adivinhação, apesar dos acontecimentos da cidade dependerem da vontade de Júpter, da interpretação destes dependia a existência de Roma. Entre as formas divinatórias que Roma se apropriou, havia o auspício que era uma técnica de escrita baseada na observação do vôo dos pássaros (SCARPI, 2004). Assembléias, reuniões do senado e até mesmo batalhas não podiam começar antes que os augúrios tivessem sido tirados, isto é, antes que fosse estabelecida a aprovação dos deuses (WOOLF, 2017).

Também houve ligação de crenças com a astrologia, a qual pela observação das posições e conjunções astrais no momento do nascimento pretendia prever o destino humano, baseado no principio de que o homem como microcosmo reproduzia o macrocosmo e deste era parte (SCARPI, 2004). Mesmo sendo a civilização romana religiosamente estruturada pelo rito, as idéias do mito se fazia presente em seu cotidiano nesta visão do homem como microcosmo.

Parte do sagrado feminino em Roma era representada pelas vestais, moças escolhidas quando crianças de pais romanos retirada da família para, entrar no colégio de vestais entre seis e dez anos de idade, escolhidas pelo *Pontifice maximum*. As vestais eram dedicadas ao culto sagrado da deusa Vesta. Elas tinham a tarefa de manter acesa a chama sagrada que não

deveria se apagar nunca, exceto se previsto no calendário, entre outras tarefas elas também preparava a *mola salsa*, uma mistura de farro e sal com a qual se espargiam as vítimas de sacrifício antes deste (SCARPI, 2004). Mesmo sendo Roma uma cultura onde predominava a figura masculina e a ela é atribuída todo poder e conquista, ainda assim há lugar para a participação feminina no aspecto religioso.

Dava-se muita importância à figura das vestais, acreditava-se que desastres poderiam ser causados com o povo caso uma vestal quebrasse o voto de castidade. Caso a vestal fosse culpada ela seria enterrada viva. Após a morte de Caio Graco, romanos fizeram um julgamento de vestais (WOOLF, 2017) acreditando que elas poderiam estar envolvidas neste evento. A figura feminina esteve presente na religião romana e também, de alguma forma, apareceu sendo incorporada ao cristianismo.

A ética em Roma também possuía ligação com elementos de crença – os deuses de Roma não tinham divulgado um código de ética pessoal, mas poderia se perder o apoio deles por negligência no culto ou por meio de atos de impiedade (SCARPI, 2004). Havia relato de sacrifício humano, causando uma seqüência de pânico público que deu origem a uma sensação mais arraigada de que fracassos na conduta moral estavam de alguma forma na fonte dos problemas no final da república (WOOLF, 2017). As idéias da ética romana também estão ligadas à contribuição de Cícero que valorizavam o religião, como forma de devoção e culto aos deuses para uma sociedade mais ética.

3.0 CAPÍTULO II - Origem etimológica

Para quem começa a estudar as religiões, parece normal que se pergunte de início o que seria religião, a explicação da origem do termo parece que irá lançar luz sobre como tudo começou. É uma experiência gratificante descobrir algo tão importante quando se trata de religião. Em nossa opinião, descobrir os mistérios por trás do nome religião seria análogo ao encontrar um tesouro escondido há muito tempo em uma cultura distante ou em vários lugares e várias culturas distantes, e finalmente ter conhecimento sobre a fonte de onde poderiam ser extraídos mais ensinamentos provavelmente secretos a respeito deste tema recoberto de muitos mistérios.

O Cristianismo teria ligação com a o surgimento da palavra religião? Existiria de fato uma correlação entre este tipo de religião e a origem deste termo? Para alguns, foi justamente devido ao surgimento do Cristianismo e a este ser apresentado como a verdadeira religião pelo império romano que suas idéias teriam se oposto aos cultos antigos que eram feitos por este povo e por esta razão não mais poderia ser aceito o vocábulo “religio” que até então representava os cultos arcaicos romanos e por isto mesmo não poderia mais representar a verdadeira religião que o império se empenhara em instituir e oficializar. Assim, era necessário outro termo que correspondesse à fé e às praticas cristãs e não mais às antigas práticas romanas. Ou seja, se no Cristianismo só havia um deus, em oposição a Roma antiga que possuía muitos deuses, a “passagem dos deuses múltiplos ao Deus único é a passagem do erro à verdade” (AZEVEDO, 2010).

Ao realizarmos uma pesquisa preliminar sobre o termo religião, percebemos que este termo começou a ser utilizado em dado momento histórico em Roma, de origem latina, e que para alguns autores, a origem do termo religião viria da palavra “religare”. O verbo “*religare*” se empregado com o sentido de prender os cabelos ou enfeixar a lenha. O “*religare*” é um termo da língua latina que significa atar, ligar com firmeza, atender a um chamado. O “*religare*” também aparece contemporaneamente associado à ética e ao meio ambiente, sendo importante a compreensão de que os seres humanos também são ecossistemas e vivemos na Gaia, conseqüentemente o convívio humano é um convívio de jogos de equilíbrios e desequilíbrios de ecossistemas, que as novas ciências estão procurando elaborar, desenvolver e pensar (Rocha). Já o etimologista brasileiro Silveira Bueno liga o vocábulo religião ao verbo “*religare*”, “religar, atar, apertar, ligar bem”. A idéia de que caberia à religião *atar os laços* que unem a humanidade à esfera divina, e que dessa forma ligaria “religare” com religião (RODRIGUES, 2017).

Será que o termo religião realmente era foi um termo revestido deste sentido original de comunicação com o sagrado? Parece que nem todos concordam com isso, outros autores explicam que na sua origem latina, o termo religião não era palavra religiosa, não remete ao transcendente, como quando falamos do ponto de vista do cristianismo, do judaísmo ou do islamismo. Se considerarmos que o termo se originara de “religio”, percebe-se que a “religio” romana era um termo utilizado fora do campo estritamente religioso, referia-se à atitude de reverência que um cidadão romano tinha pelas instituições do Império. Só era considerado romano se praticasse os ritos e fizesse os sacrifícios aos deuses.

Como a religião está presente na vida da maioria das pessoas, e como não dizer de quase todas as culturas e povos, pois a crença em algo que nos é superior, que justifica a nossa existência, por diversas razões sempre foi elemento de preocupação e estudo de diversos pesquisadores em diversas épocas, como por exemplo, Carl Jung (PORTELA, 2014), Lactanceo, Santo Augustinho (AZEVEDO, 2010), dentre outros que dedicaram parte de suas vidas a estudar os mistérios deste fenômeno.

Se vamos analisar a etimologia da palavra religião, percebemos como é notória a preocupação de alguns teóricos com o termo ou os termos que deram origem a ela, e apesar de muita discussão há muitos que concordam quando esta palavra surgiu na nossa língua e de que palavra seria originada. Estaria ela sendo utilizada na nossa língua desde o século XIII e seria um termo derivado possivelmente do latim “*religio*”, “*religionis*” – que significaria “culto, prática religiosa, cerimônia, lei divina, santidade. Surgindo para muitos a questão: de qual verbo esse substantivo é a forma nominal então: “*relegere*” ou “*religare*”? (PORTELA, 2014; ZIERER, 2014). Será que estes termos se complementam? Será que representam o lado institucional da religião ou o lado mais místico?

Se por um lado na antiguidade romana era por Cícero defendido a idéia de que o verbo “*Relegere*” seria a origem da palavra religião, pois o seu significado era “reler, visitar, retomar o que estava largado”, pode ser visto neste contexto como o ato de reler e interpretar incessantemente os textos de doutrina religiosa ou, quem sabe, como a retomada de uma dimensão (espiritual) da qual a vida terrena tende a afastar os homens. Levando o homem a um ser mais zeloso pelo rito, pelo culto aos seus deuses, a prática do sacrifício.

Por outro lado, explorando uma maior proximidade com a experiência com o sagrado, aparecem os que defendem que o verbo que dera origem a palavra religião foi o “*religare*”, que também denotaria o sentido da relação do homem com a entidade superior da sua criação que aparentemente estaria presente em todas as religiões. A descoberta do sagrado, ou seja, a

experiência do sagrado, conseqüentemente, encontra-se relacionada com as idéias de ser, sentido e verdade. Para Durkheim, a experiência social, portanto, projeta a experiência do sagrado enquanto religião (ZONNO, 2012), se isso ocorre a religio de Cícero cabe bem no universo do fenômeno religioso, apesar de não dá conta de tudo que esse termo engloba.

Para alguns, Lactânio teria proposto a celebre etimologia de religião (religare), para ele o Cristianismo era a verdadeira filosofia: “a verdadeira sabedoria para os pensadores, a verdadeira religião para os ignorantes” o laço que liga o homem a Deus, já Santo Agostinho também se ocupando da questão etimológica do termo, não se opondo totalmente a Cícero e propondo uma via intermediária: de *relegere* a *religere*, reeleger, no sentido de um retorno a Deus (AZEVEDO, 2010), colocando a questão em uma síntese religiosa onde parece haver uma possível complementação ente os termos, sem dissociá-los para indicar uma origem.

Parece que não haverá concordância entre religiosos e irreligiosos em uma única coisa que poderia dar origem a palavra religião, isto demonstra que a resposta para a exigência da pergunta de onde veio o termo religião seria a relação que poderemos estabelecer entre os termos “religere” e “religare”. Quanto à “religio”, além de uma grande relação entre as origens guarda o sentido do rito romano, o culto, os laços de piedade e as práticas religiosas (AZEVEDO, 2010). Assim, percebe-se que a palavra religião vinda da cultura romana guarda tanto os laços da sua antiga religio, quando os sentidos de *religere* e *religare*, pois os cultos, ritos, sacrifício, mística e vários outros elementos estão presentes quando nos lembramos da palavra religião.

4.0 CAPÍTULO III - O “*religare*” romano e sua presença em outras culturas religiosas.

O termo *religio* será tomado pelos pensadores do cristianismo primitivo, principalmente Lactancio, Tertuliano e Agostinho, que vão sacralizar o termo *religio* transformando-o em *religare*. Considerando que a religião do Deus único tende a valorizar o laço que liga o homem a deus segundo a etimologia sugerida por Lactancio. Portanto, o termo “*religio*” começa a perder seu sentido de “*religere*,” rompendo com o laço romano do paganismo, com o culto aos deuses e passa a ser entendido como “*religare*” (PORTELA, 2013). Lactancio assim afirma que a religião não consistiria em práticas bem refletidas tal como Cícero propunha para a religião romana, mas no laço de piedade através do qual estamos ligados a Deus (AZEVEDO, 2010). Assim, o cristianismo parece tentar eliminar qualquer vestígio de paganismo, o que fez sacralizando a *religio*.

Parece inegável que a palavra religião passou em momentos históricos diferentes por estes termos (*religio*, *religere* e *religare*) e que Roma foi o berço do surgimento desta palavra, porém a idéia de “*religare*” a aproxima do oculto, do transcendente e este sentido que tomaremos o “*religare*” para buscar em outras culturas religiosas pontos de semelhanças entre elas.

Se o termo “*religare*” surgiu no contexto romano cristão, teve notadamente influencia dos evangelhos atribuídos ao cristo Jesus, o messias que veio para a terra mostrar o caminho para um reino nos céus, lugar puro onde não haveria mais sofrimento, dor nem morte: o paraíso perdido por Adão. A idéia de atar, ligar com firmeza e atender a um chamado lembrava as palavras do messias quando se referia a um pacto novo com o pai, relato do livro de Lucas no capítulo 22 da bíblia sagrada. Jesus que não era deste mundo, disse: “como eu não sou do mundo” (JOÃO, 17:16), fez um pacto que era para entrar em um reino nos céus: “eu disponho para vós o Reino, assim como meu Pai o dispôs para mim” (LUCAS, 22:29), como Jesus prometeu ao ladrão que estava ao seu lado, em outra cruz: “ainda hoje estarás comigo no paraíso”, (LUCAS, 23:43). Percebemos nesse raciocínio que o caminho religioso para Lactancio não se tratava mais de ser protegido e abençoado pelos deuses como acreditava os antigos romanos e sim de uma ligação com Deus que levaria a uma união com ele, viver no reino dele, como citado no livro de João: “para que sejam um como nós”, (JOÃO, 17:11).

Será que a ideia de um “religare” realmente existe em outras culturas religiosas ou seria uma coisa apenas da mensagem do Cristo Jesus, nos evangelhos? Vamos analisar a cultura religiosa do antigo Egito. Este povo produziu escritos conhecidos como “O Livro dos Mortos”, analisando a utilização de suas mensagens com as práticas feitas pelos antigos egípcios percebemos que muito há de comum com o mundo do Cristianismo.

4.1 Egito antigo

A idéia de se ligar a um outro mundo, um mundo espiritual ao qual pretendemos ir, lugar paradisíaco, também é encontrado na cultura egípcia antiga, como percebemos no conteúdo do Livro dos Mortos (Livro para Sair à Luz, atribuído a Thoth) que descreve o futuro da alma no mundo intermediário (Dwat) após a morte. Eles acreditavam que existiam mais dois mundos: Ta, o mundo inferior; Nut, o mundo superior. A alma viaja de **Ta**, que era a nossa terra, para o **Dwat** e finalmente para **Nut**, que eram os reinos espirituais (SELEEM, 2005 apud MIELE, 2011). A referência ao religare romano se faz com a semelhança de Nut com o reino dos céus cristão, o paraíso.

A técnica para alcançar o lugar sagrado dos egípcios era feita pela leitura do livro dos mortos pelos vivos para ajudar aos mortos e também aos próprios vivos em sua jornada pelo mundo de Ta e de Dwat, com o objetivo de encontrar os caminhos para os reinos espirituais superiores e encontrar o Jardim de Juncos (Earu), onde a verdadeira paz envolve a alma (SELEEM, 2005). Para os egípcios o grande objetivo era se transformar em um ser que tudo vê e tudo sabe, pois já passou por inúmeras experiências e aprendeu a domar seus instintos. Iluminado, o ser humano pode se integrar novamente ao Sol divino, pois conquistou com seu esforço o direito de se sentar no Trono da Consciência, como ISIS (MIELE, 2011). Aqui notamos que apesar de se tratar de uma cultura tão distinta, o sentido e a essência do sagrado se aproximam e vemos representada a relação entre o microcosmo e o macrocosmo.

4.2 Índia antiga

Não diferente dos antigos egípcios, na antiga Índia haviam textos sagrados onde poderemos encontrar semelhanças com o “religare” cristão. Os Upanisad são um conjunto de textos sagrados desenvolvidos na Índia no período Bramânico, entre 1.000 e 400 a.C. Ou seja, posterior ao período védico. Os upanisads participam do caminho dos conhecimentos que neste período começa a substituir o caminho da atividade ritualística. Ou seja, a filosofia abstrata dos upanisads vai se desvinculando dos rituais mágicos que passam a ser relegado ao

segundo plano, (ZIMMER, 1986). Há uma semelhança histórica aqui, com uma menor valorização do rito e um mergulho no oculto, o que também ocorreu com Roma em relação as antigas práticas para o caminho do cristianismo.

De acordo com as upanisads para alcançar o Brahman o homem precisa passar por uma evolução cognitiva e vivencial. Precisa libertar-se dos dualismos e relativismos do pensamento comum e vivenciar sua identidade com o Braman através de praticas introspectivas como o Yoga (GULMINI, 2002). Isto lembra as praticas de cristo de abandonar a vida do mundo, perder sua vida para ganhar uma outra melhor, buscar primeiro o reino dos céus, ir para dentro de si, idéias que parecem se cruzar em alguns pontos relacionadas ao religare.

O conceito de Yoga parece possuir o guardar uma técnica semelhante a do “*religare*” romano, pois seria: os meios para alcançar o ser em si, as técnicas adequadas para adquirir a libertação (ELIADE, 2004). Etimologicamente a palavra Yoga, de origem sânscrita, deriva da raiz yuz “ligar”, “atrelar”, “jungir” (GNERRE, 2011). Religar o homem a Deus, ao transcendente, fazer o resgate, para nós a relação entre o Yoga e o *religare* possui inegável semelhança.

Os relatos demonstram que o propósito original do Yoga sempre esteve diretamente conectado ao aspecto espiritual da existência humana, poderemos dizer que ao que chamamos de *religare*, pois ele designaria o processo de religar o homem a um aspecto divino da existência. Este processo de realização da própria realidade transcendente, que se constitui enquanto objetivo supremo do Yoga (GNERRE, 2011).

Observamos que tanto na cultura védica como na romana, o transcendente eclode de ambas as raízes, as idéias de religare cristão que de alguma forma sai da religio assim como as idéias dos Yogas como dos upanisade saem dos Vedas livros sagrados dos Bramames.

5.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As religiões tradicionais romanas assumiram contornos universalistas enquanto se reivindicava uma maior proximidade dos deuses que garantia aos homens a “salvação”. Um deus deve ser antes de tudo salvador (SCARPI, 2004). Parece que apesar da grande importância do rito aos poucos se misturavam com idéias místicas, mais transcendentais, com a adoção do cristianismo. O anúncio de resgatar a alma para viver um paraíso há muito tempo perdido, em um reino noutra plano existencial de onde veio um dia, como citado em livros dos evangelhos: “não há ninguém que nos céus entre, exceto aquele que dali saiu” (JOÃO, 3:13), carece de um caminho a ser seguido: “renuncie a si mesmo, tome sua cruz cada dia e siga-me” (LUCAS, 9:23) e “o que perder sua vida por causa de mim, a salvará” (LUCAS, 9:24), ou seja, renunciar o seu estado humano terreno, os desejos e vontades humanas; aceitar o sofrimento e desventuras desta vida e estar pronto para seguir o ensinamento que culmina com a perda da vida, livrar-se do apego as coisas do mundo. Esta renúncia seria se abstrair das criaturas e das imagens criadas por elas, esquecer do corpo para que Deus fale sua palavra secreta à alma, pois o silêncio seria a possibilidade de permitir que Deus faça seu trabalho na alma. “Quando todas as coisas estavam envoltas em silêncio, então surgiu em mim uma palavra secreta, que veio direto do trono real, desde o alto” (ECKHART, 1º sermão).

O religare no antigo Egito era conseguido seguindo-se as mensagens do livro, pois este não era só o livro dos mortos, na realidade era o livro da vida: da vida atual, da vida futura e da vida eterna. Na cerimônia dos mortos, o livro era colocado ao lado da cabeça do falecido para ajudá-lo (MIELE, 2011) a encontrar o caminho correto. No caminho, era necessário buscar luz e verdade para sua vida, o morto tinha de enfrentar seus próprios defeitos de caráter que se apresentavam como entidades malélicas. O “defunto se deparava com o quanto de verdade, luz e harmonia haviam estabelecido em sua vida contra os poderes da maldade”. Uma profunda mudança precisava ter ocorrido na vida dos que morriam. “O morto era obrigado a verificar o quanto havia conseguido transformar o ‘casca grossa’ instintivo, em um ser consciente de si, iluminado”, (MIELE, 2011).

Em vida, era necessário fazer práticas que agradasse ao espírito, ignorando as emoções e guiando o corpo, como citado por Miele: “sei que tenho poder sobre minhas emoções, meu corpo, poder de fazer ao que agrada ao meu espírito”. Com o objetivo de se ligar a iluminação, pois, “o fim da grande viagem da vida é chegar ao ponto de partida, ao uno, de onde se saiu e para onde deve se voltar” (MIELE, 2011).

O religare nos Upanisades é feito no interior do praticante, o caminho é através de si mesmo. “No interior ele passa a conhecer o Brahman, este necessita do exercício, de tapas: sacrifício físico próprio, privação, meditação, disciplina.” Havia a necessidade da figura do mestre, pois “para o processo de interiorização, além da dedicação era imprescindível a presença da figura de um bom mestre que já experimentou este “átma” interno, que explica as escrituras para o discípulo” (GNERRE, 2011).

No Yoga, o religare é feito com práticas de um “conjunto de técnica que permite ao homem realizar o “si mesmo”, fundir sua consciência egóica com a mente universal” (ELIADE, 1996 apud GNERRE, 2011). Observa-se que nestas práticas havia o exercício de conhecimento, devoção e amor, vocalização de sons, como também a concentração absoluta para a mente translúcida alcançar o “samadi” (GNERRE, 2011). “Inclui-se aqui a meditação, através dos estágios superiores dela era possível o praticante alcançar um memento de parada das ondas de pensamentos que seguem continuamente desconectando o homem de sua essência divina” e assim permitir o contato com a mente universal (GNERRE, 2011).

Parece-nos que há uma grande semelhança entre a mística do cristianismo, do antigo Egito, dos Upanisades e do Yoga, no tocante ao caminho para transcender, para se dirigir a um horizonte espiritual original. Perguntamo-nos se isto não seria uma regra na maioria das místicas religiosas e não algo apenas dos romanos cristão e mais algumas poucas religiões.

O caminho do religare é observado com muitas semelhanças entre as culturas analisadas, todas exigem do devoto a negação de si, dos seus desejos, em prol de algo maior, as penitencia para eliminar os chamados erros ou pecados parece são pontos comuns a todas.

Creemos que boa parcela da humanidade acredita ser parte de algo maior, acredita que sua origem não está aqui tão perto, mas que mesmo assim, de alguma forma, pode fazer contato com essa raiz da sua existência. Acreditamos que se todos respirarem fundo perto de uma árvore sentirá que possui uma conexão com ela. Momentos de paz e silêncio podem fazer milagres, momentos mágicos, como relata Eckhart, no silêncio uma palavra será falada no chão da alma, um momento de *religare*.

Acreditamos que o *religare* é sem dúvida revestido da maior importância que uma religião ou cultura religiosa poderia ter como fim da sua prática, no entanto, se sua idéia não estiver presente em uma certa cultura religiosa, porque esta se ocupa demais com o rito ou com outros aspectos culturais que são considerados pelo povo desta cultura como escolhas de mais relevância, será que um estudo aprofundado talvez revele vestígios da presença deste *religare*, cuja prática foi deixada de lado em dado momento histórico? Se a resposta for difícil devemos considerar que somos o que escolhemos e parece que todos os indivíduos e culturas

fazem suas escolhas e as mudam com o tempo. Talvez o *religare* esteja presente em todas as religiões, esteve presente em todas as religiões em dado momento da sua existência, ou estará presente em todas as culturas religiosas no futuro. Mesmo não sabendo sobre estas afirmações desejamos sinceramente que a presença do *religare* exista em todas as culturas religiosas, assim ele sempre terá a chance de ressurgir, após ser esquecido, mesmo que a figura de um messias ainda não tenha aparecido para fazê-lo.

Concluimos que é possível sim estabelecer conexões entre o conceito de *religare* tanto no cristianismo como nessas duas tradições estudadas (egípcia e indiana), e que tais conexões ainda podem ser desenvolvidas e aprofundadas através de pesquisas históricas, no entanto, em nosso trabalho a intenção foi apenas mostrar que elas existem e que são importantes.

6.0 REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Luciana Ferreira da & RAMALHO, Francisca Arruda. Religare: comportamento informacional à luz do modelo de Ellis. *Transformação*, Campinas, 22(2): 169-186 maio/ago., 2010.

ZONNO, *Fabiola do Valle*. o *religare* como experiência fenomenológica na arquitetura. *PLURA, Revista de Estudos de Religião*, ISSN 2179-0019, vol. 3, nº 2, 2012, p. 39-55.

ZIERER, Adriana & Baccega, Marcus. Dossiê: Entre o Sagrado e o Profano: Imaginário e Religiosidade no Mundo Celta e Germânico. *Revista Brathair*14 (1), 2014 ISSN 1519-9053. <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair>.

AZEVEDO, Cristiane A. A PROCURA DO CONCEITO DE *RELIGIO*: ENTRE O *RELEGERE* E O *RELIGARE*. *Religare* 7 (1), 90-96, Março de 2010.

ROCHA, Maurem Silva & Paiano, Daniela Braga. ÉTICA E AMBIENTE: O NOSSO RELIGARE. UNISINOS, Universidade de Marília/SP.

<http://www.viagemlenta.com/2014/06/cicero-e-os-ideais-de-liberdade.html>

PORTELA, Bruno de Oliveira Silva. O conceito religião no pensamento de Carl Gustav Jung. *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v.10, n.1, p. 46-61, jan-jun/2013 - B. Portela - <http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2014/01/10-1-5.pdf>.

RODRIGUES, Sérgio. Religião vem de ‘reler’ ou ‘religar’? Atualizado em 18 fev. 2017, 17h48. <http://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/religiao-vem-de-reler-ou-religar/>
<https://www.pensador.com/autor/cicero/biografia/>

GAARDER, Jostein, 1952- O livro das religiões / Jostein Gaarder, Victor Hellern, Henry Notaker; tradução Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Grandes Impérios e Civilizações. Roma - Legado de um império. 1 1 ed. Madri: Ediciones del Prado. 1996. pp. 112 p.

História da vida privada, 1: do Império Romano ao ano mil / organização Paul Veyne; tradução Hildegard Feist; consultoria editorial Jonatas Batista Neto. — São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

WOOLF, Greg. Roma: a história de um império; tradução Mário Molina. São Paulo: Editora Cultrix, 2017.

MIELE, Neide. Curso de Graduação em Ciências das Religiões. Editora Universitária UFPB, João Pessoa, 2011.

MAC DOWELL SJ, João A. Filosofia da Religião. Interações – Cultura e Comunidade, Uberlândia, v.6, n. 10, p. 17-4, jul-dez, 2011.

MIELE, Neide. Mitologia do Egito (Coleção Ciências das Religiões), Editora Universitária da UFPB, João Pessoa, 2011.

SELEEM, Ramses. O livro dos mortos do antigo Egito. SP: Madras, 2005.

GULMINI, Lilian. O Yoga Sutras de Patanjali: tradução e análise da obra a luz de seus fundamentos contextuais, intercontextuais e lingüísticos. Dissertação de Mestrado: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2002.

ELIADE, Mircea. Yoga: Imortalidade e liberdade. São Paulo: Palas Athena, 2004.

GNERRE, Maraia Lucia Abaurre. Religiões Orientais: uma introdução – Coleção Ciências Das Religiões. 2ª Edição, Editora Universitária da UFPB, 2011.

SCARPI, Paolo. Politeísmo: as religiões do mundo antigo. São Paulo, Hedra, 2004

ECKHART, Meister. Os Sermões Alemães Completos. Tradução de Marcos Beltrão. WWW.marcosbeltrao.net, 1º Sermão.

RAWSON, E: *Cicero, a portrait* (1975) p.303

HASKELL, H.J.: *This was Cicero* (1964) p.300–301

MERRIAM-WEBSTER, Inc (janeiro de 1995). «Ciceronian period». *Merriam-Webster's Encyclopedia Of Literature*. [S.l.]: Merriam-Webster. p. 244.

CICERO, *Selected Works*, 1971, pp.24

CONTE, G.B.: "Latin Literature: a history" (1987) p.199

WOOTTON, David (1 de janeiro de 1996). *Modern Political Thought: Readings from Machiavelli to Nietzsche*. [S.l.]: Hackett Publishing. p. 1.

ZIELINSKI, Tadeusz. *Cicero Im Wandel Der Jahrhunderte*. [S.l.]: Nabu Press

WOOD, Neal (1991). *Cicero's Social and Political Thought*. [S.l.]: University of California Press.

NIECGORSKI, Walter. «Cicero and the Natural Law». *Natural Law, Natural Rights, and American Constitutionalism*.

GRIFFIN, Miriam; Boardman, John; Griffin, Jasper; Murray, Oswyn (15 de janeiro de 2001). *The Oxford Illustrated History of the Roman World*. [S.l.]: Oxford University Press. pp. 76

EVERITT, A., *Cicero: The Life and Times of Rome's Greatest Politician* (2003), p. 259

DIGESER, Elizabeth DePalma (2000). *The Making of a Christian Empire: Lactantius and Rome* (em inglês). [S.l.: s.n.]

HAMILTON, Charlesworth, James (1973). *The Odes of Solomon* (em inglês). Oxford: Oxford UP. pp. 1, 82.

STEPHENSON, Paul (2010). *Constantine, Roman Emperor, Christian Victor*.